

AUTOBIOGRAFIA NOSSO LAR: DISCURSO ESPÍRITA E ESCRITA DE SI

AUTOBIOGRAPHY NOSSO LAR: DISCOURSE SPIRITIST AND WRITTEN OF SELF

Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves

Universidade Federal da Paraíba/Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba

Resumo: Este trabalho é resultado de observação de saberes veiculados no campo discursivo Espírita sobre a mediunidade psicográfica. Para subsidiar esse nosso gesto de compreensão, utilizamos os fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva de Michel Foucault. Selecionamos como corpus o texto autobiográfico *Nosso Lar*, produzido pelo médium psicógrafo Francisco Cândido Xavier, de autoria do sujeito psicografado André Luiz. Compreendemos que a autobiografia, enquanto gênero discursivo apropriado para o relato de experiências individuais, uma “escrita de si”, constitui-se como uma prática discursiva que atende às necessidades comunicativas desse campo discursivo: fazer circular verdades espíritas por meio das vozes que emergem do “além”.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Espiritismo, psicografia e autobiografia

Abstract: This paper is the result of observation of knowledges conveyed in the discursive field of the Spiritist mediumship psychographic. To support this gesture of our comprehension we use the theoretical and methodological foundations of Discourse Analysis French Line (AD), from the perspective of Michel Foucault. Selected as the text corpus autobiographical *NOSSO LAR*, produced by the medium psychographer Francisco Cândido Xavier, authored by André Luiz psychographed subject. We understand that the autobiography as a genre of discourse appropriate for the account of individual experiences, a "written from you", constitutes as a discursive practice that meets the communicative needs of the discursive field: spiritist truths circulating through the voices that emerge from "beyond".

Keywords: Discourse Analysis, Spiritism, Psychography and autobiography.

Introdução

Nos últimos anos, o olhar dos pesquisadores, no campo das Ciências Humanas, instaura uma abertura nos campos de observação, nos objetos a serem observados e, especialmente, no corpus utilizado para o estudo desses objetos. Como afirma o filósofo M. Foucault, da observação da “voz” instituída, passa-se a escuta dos “saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados”,

especialmente, a fala recusada, “o discurso anônimo, o discurso cotidiano, todas essas falas esmagadas, recusadas pela instituição ou afastada pelo tempo” (FOUCAULT, 2000b, p. 171). De conformidade com esse “novo” fazer científico, observaremos saberes que circulam no campo discursivo Espírita sobre a mediunidade psicográfica. Para tanto, selecionamos como corpus o texto *Nosso Lar*, produzido pelo médium psicógrafo Francisco Cândido Xavier, de

autoria do sujeito psicografado André Luiz.

Materializado no gênero discursivo autobiografia e veiculado no suporte de texto, convencionalmente denominado de livro, esse texto/enunciado carrega marcas que denunciam as especificidades do seu modo de enunciação e, ainda, particularidades que singularizam a comunidade discursiva que o utiliza. Isto porque, conforme o teórico Bakhtin (2000, p. 279) os diferentes gêneros discursivos para que possam circular, em campos discursivos diversos, devem atender as necessidade da comunidade discursiva que os utiliza.

A escolha da autobiografia *Nosso Lar* como corpus de estudo deve-se ao fato de entendermos que a autobiografia, enquanto gênero discursivo apropriado para o relato de experiências individuais, constitui-se uma prática discursiva que atende de forma satisfatória às necessidades comunicativas desse campo discursivo. Pela escrita psicográfica, os relatos autobiográficos se constituem como um dos gêneros mais propícios para divulgar as *verdades* sobre a vida além-túmulo, tão caras a essa doutrina, uma vez que, a marca identitária desse gênero é o princípio do pacto com a “verdade”.

Para subsidiar esse nosso gesto de compreensão utilizaremos os fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva de Michel Foucault. A AD oferece instrumentos para a compreensão não só de “grandes” textos, como de textos dos múltiplos enunciadores do cotidiano, esteja ele materializado em elementos lingüísticos e/ou não lingüísticos, em qualquer campo discursivo e, ainda, em diferentes suportes textuais.

Nosso Lar: apresentação do relato autobiográfico

A autobiografia *Nosso Lar* é um relato da experiência de vida pós-morte do autobiógrafo André Luiz, na colônia espiritual *Nosso Lar*, uma espécie de cidade de transição. A colônia funciona como centro de assistência espiritual aos desencarnados que necessitam de um novo encarne ou, embora rara, de ascensão a uma morada superior. Lá, André Luiz foi assistido e reabilitado pelo serviço de assistência médica. Recuperado, estudou a estrutura e o funcionamento da Casa. Fez estágios em setores de trabalhos. Concluída a fase de aprendizagem, integra uma das equipes de trabalho. Após um ano de atividade nas Câmaras de retificação, consegue a autorização para rever seus familiares, na Terra. Lá, foi, porém, surpreendido com novidades sobre a rotina dos familiares. Após uma análise da situação, retorna a colônia espiritual, confortado. Na colônia, André é recepcionado por mais de duzentos companheiros de trabalho e recebe do governador o título de cidadão de *Nosso Lar*. Cada vez mais espiritualizado, passa da posição de mero aprendiz para a de trabalhador-aprendiz. André Luiz descreve uma vida espiritual plena de movimento, numa cidade espiritual cuja estrutura e funcionamento se assemelha à vivência, nas cidades da Terra. A maior lição aprendida pelo enunciatador foi que a vida continua após a morte física, plena de movimento entre o saber, a caridade e o trabalho.

Movimentos de uma descrição

O primeiro olhar sobre o suporte material que “guarda” o enunciado *Nosso Lar* nos leva a pensar sobre os seus enunciadores e o seu processo de enunciação. Na capa, no

lugar reservado ao autor, o registro de duas assinaturas causa-nos estranheza. Não pela duplicidade de formuladores, afinal, a prática de produção de texto em co-autoria é uma prática usual em nosso meio, mas devido à natureza desses enunciadores. Em primeiro plano, surge o nome de um “morto”, o Espírito André Luiz, e, logo abaixo, o nome de um indivíduo, de “carne e osso”, que viveu entre nós até o ano 2002: Francisco Cândido Xavier. Por outro lado, a inscrição *A vida no Mundo Espiritual*, indica que a temática versada não é nada convencional. Lendo o prefácio, entendemos que o enunciador “fala” por meio de um relato autobiográfico. Todos esses dados nos remete as seguintes assertivas: trata-se de um texto produzido por meio da prática de produção discursiva mediúnica psicográfica, portanto, o sujeito psicografado é o Espírito André Luiz, o sujeito psicógrafo é o médium Francisco Cândido Xavier; a temática tratada versa sobre a experiência pós morte do Espírito André Luiz e o campo discursivo que rege o funcionamento dessa prática é o campo discursivo Espírita.

Após a identificação desses dados, resolvemos produzir uma sintética descrição do enunciado *Nosso Lar*. Para esse gesto de leitura tomamos como referencial teórico os quatro princípios foucaultianos que regem a descrição de enunciado: o referencial do enunciado; o sujeito do enunciado, o campo associado e a materialidade do enunciado. Faremos, portanto, quatro movimentos de compreensão. Juntos eles darão conta do modo singular de existência do enunciado em questão. Tratemos do primeiro.

***Nosso Lar*: sobre o referencial do enunciado**

Para Foucault o referencial do enunciado forma “o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT, 2000a, p. 104). França, 18 de abril de 1857. Lugar e data oficial da emergência do conjunto de enunciados que instituiu o campo discursivo religioso Espírita. A responsabilidade autoral sobre sua materialização, organização e circulação foi de Allan Kardec.

Registrados, inicialmente, em O livro dos Espíritos (1857), os objetos discursivos que compõem os fundamentos constituintes desse campo discursivo foram, posteriormente, agrupados em quatro textos: *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864); *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868). Juntos, eles formam o que Kardec denominou de *a Codificação Espírita*.

Os enunciados que constituem a doutrina dos Espíritos emergiram por meio da mediunidade de psicografia. A materialização de objetos discursivos por meio dessa técnica, atualiza-se na relação entre um sujeito-psicografado, o Espírito de alguém que desencarnou, “morreu”, e a intermediação de um sujeito-psicógrafo, um médium: sujeito encarnado, “vivo”. Nesse processo, a função do médium é suprir no Espírito-comunicante, o corpo material que, enquanto *desencarnado*, já não dispõe. Nessa modalidade discursiva, o Espírito é aquele que “dita” o texto, e o médium é aquele que materializa o dizer do Espírito, o escrevente. Na perspectiva da doutrina Espírita, portanto, Médium e Espírito são, assim, posições-sujeito entrelaçadas.

Para a produção, atualização ou emergência de novos objetos por meio de elementos lingüísticos escrito, o campo discursivo Espírita põe em funcionamento tanto o meio convencional de produzir discursos escritos, como o método mediúnico psicográfico. Por meio do método convencional, produzida por adeptos, o campo constitui a literatura complementar da doutrina. Pela técnica mediúnica de escrita, constituem-se os discursos da literatura mediúnica, uma produção, também, complementar. Esse processo de produção discursiva permite, também, que a doutrina seja atualizada e renovada pela “voz” dos Espíritos. A mediunidade psicográfica é, pois, considerada, pelos adeptos do Espiritismo, como a principal fonte de introdução de novos objetos e, também, da reformulação dos já existentes.

Pelo processo de escrita mediúnica, a formação discursiva Espírita materializa os objetos discursivos por meio de modalidades enunciativas diversas: relatos, romances históricos e autobiográficos, poesias, contos, crônicas, mensagens, comentários, casos, etc. Esses enunciados circulam em formatos textuais que particularizam cada gênero e são veiculados em suportes textuais, convencionais como livros, revistas, jornais, panfletos, etc. Dentre os gêneros discursivos psicográficos mais utilizados para a veiculação e sedimentação de suas crenças, os relatos autobiográficos, no formato dos gêneros mensagem, carta familiar, romance autobiográfico e autobiografia, irrompe como gêneros discursivos de grande produção e circulação. A utilização desses gêneros deve-se, dentre outras questões, à necessidade desse campo religioso de divulgar, sedimentar e naturalizar a crença na imortalidade do Espírito e no intercâmbio entre este e o outro mundo, através da própria “voz” dos Espíritos. Nos

relatos autobiográficos psicográficos, a narrativa é produzida por um eu, um Espírito, que volta para relatar suas experiências, uma “voz”, portanto, autorizada pela instituição religiosa Espírita.

A produção de narrativas autobiográficas, enquanto gênero discursivo apropriado para relatar experiências individuais, constitui-se uma prática discursiva que atende de forma satisfatória às necessidades comunicativas desse campo discursivo. A apropriação desses gêneros discursivos pelos sujeitos-psicografados e pela doutrina Espírita é marca constitutiva desse campo de atividade religiosa. Pela escrita psicográfica, os relatos autobiográficos se constituem como um dos gêneros mais propícios para divulgar as *verdades* sobre a vida além-túmulo, tão caras a essa doutrina, uma vez que, a marca identitária desse gênero é o princípio do pacto com a “verdade”.

Entendemos, portanto, que a assunção da função-autoria, por meio de narrativas autobiográficas, faz emergir sujeitos-autores que se fazem marcar por uma discursividade singular: *uma escrita de si* que (de)marca o lugar de autor espiritual, responsável pela divulgação e sedimentação de *verdades* que compõem os postulados da doutrina Espírita.

Sobre os sujeitos responsáveis pela emergência do enunciado *Nosso lar*, lançaremos um breve olhar, objetivando compreender que lugar eles ocupam no campo enunciativo pelo qual respondem. Começemos, pois com o médium **Chico Xavier**. De conformidade com os princípios teóricos da AD, é sempre de uma posição e de um lugar social que o sujeito pode entrar na ordem do discurso. Chico Xavier consagrou-se, graças a sua vasta produção psicográfica, como o

médium psicógrafo Espírita brasileiro mais produtivo. Durante setenta e cinco anos de prática mediúnica psicográfica, o médium produziu, nos mais diversos gêneros discursivos, um total de 412 textos psicográficos, veiculados por meio de livros; além das inúmeras mensagens dirigidas pelos “mortos” aos seus familiares. Mais de duas mil vozes autorais foram instituídas pela mediunidade de Chico Xavier. Para os espíritas, Chico Xavier foi o médium que melhor exerceu a função de sujeito-mediador entre o mundo material e o mundo espiritual. Ficou conhecido como a “antena mediúnica do século XX”. Não é, pois, possível falar de espiritismo, sem remontar a Chico Xavier. A sua história e a história da consolidação da crença religiosa Espírita, no Brasil, se entrelaçam garantindo a construção, para o Espiritismo, de um lugar de destaque no cenário religioso nacional. Chico morreu em julho de 2002. Sua influência deve-se ao fato da missão ao qual foi incumbido: a divulgação da doutrina por meio de textos psicografados. Seu modo singular de se relacionar com o sagrado, dentro do campo espírita, produziu marcas identitárias que particularizam o modo de ser espírita no Brasil.

Sobre sua vida pessoal e carreira religiosa, foi produzido um imenso acervo documental, constituído por entrevistas, teses, dissertações, reportagens, programas de televisão, depoimentos publicados pela imprensa confessional; discursos proferidos; prefácios de cunho autobiográficos, inseridos em sua própria produção literária, como é o caso “Palavras minhas”, apresentado na introdução de seu primeiro livro, *Parnaso de além túmulo* (1932) e “Explicando”, publicado no livro *Emmanuel* (1938); correspondências com a FEB, compiladas e comentadas por Suely Schubert em *Testemunhos de Chico Xavier* (1998), além de inquéritos e, também, o processo movido pela esposa

do escritor Humberto de Campos, contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Candido Xavier, cujo registro se encontra no livro *A psicografia ante os tribunais*, de autoria do advogado Miguel Timponi. Conforme Stoll (2004, p. 128), foi produzida uma média de quinze biografias, assinadas por jornalistas, a maioria espírita.

Por outro lado, não menos importante é o lugar que ocupa o Espírito André Luiz, no campo discursivo Espírita brasileiro. Como autor espiritual, inicia seus trabalhos em 1943, mas só estréia oficialmente no mercado editorial espírita brasileiro, no ano de 1944, com a publicação do seu primeiro livro, *Nosso Lar*, pela mediunidade psicográfica do médium Chico Xavier. Sua obra é vasta: além de dezesseis livros, compõem o seu acervo inúmeras mensagens.

A primeira menção a André Luiz, que temos conhecimento, emergiu no ano de 1941, conforme Shubert, (1998), em trechos de cartas enviadas pelo médium Chico Xavier, ao então presidente da FEB, Wantuil de Freitas, em 1946. Todas as informações sobre esse autor espiritual têm como fonte a sua própria “voz”, materializada pela “voz” do médium Chico Xavier. Pelas mãos desse médium, seus dados biográficos ganham existência e passa a circular, em diferentes campos discursivos. Enquanto documento biográfico, a autobiografia psicográfica *Nosso Lar* funciona como fonte documental básica. Nela, o prefaciador espiritual, Emmanuel, apresenta o autor na posição de “médico terreno” e “autor humano”, em sua última encarnação. O seu nome civil é silenciado. André Luiz é, portanto, um pseudônimo escolhido para assinar os livros sob sua autoria. O apagamento da identificação do nome civil de André Luiz está justificado em vários momentos do texto. Além de *Nosso Lar*,

outros textos, de caráter intimista, funcionam como fonte biográfica do autor.

Na posição de autor da autobiografia *Nosso Lar*, André Luiz emerge como um sujeito envolto nas regras de funcionamento da formação discursiva pela qual se marca. À medida que traça a escrita de si, colabora, ao mesmo tempo, com a sedimentação de crenças já instituídas pela doutrina Espírita e com o próprio processo de sua construção, uma vez que, além de sedimentar *verdades*, ele relata uma série de informações inéditas. Entendemos, portanto, que a assunção da função-autoria de André Luiz, por meio do gênero discursivo autobiografia psicográfica, faz emergir um sujeito-autor que se faz marcar por uma discursividade singular: *uma escrita de si* que (de)marca o lugar de autor espiritual, responsável pela divulgação e sedimentação de *verdades* que compõem os postulados da doutrina Espírita.

Nosso Lar: o lugar do sujeito do discurso

Conforme Foucault: o sujeito do enunciado (...). É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma, (FOUCAULT, 2000a, p. 109.) Na autobiografia psicográfica *Nosso Lar*, de conformidade com as regras que regem a estrutura composicional desse gênero, no campo discursivo espírita, o lugar de sujeito enunciator-narrador-personagem é ocupado pelo autor da formulação, nesse

caso, o autor espiritual André Luiz: o sujeito enunciator-narrador-personagem do relato é, portanto, o mesmo que assina na capa do livro. Entretanto, apesar da posição enunciativa de enunciator narrador-personagem ser ocupada pelo sujeito autor, este se representa de modos diferentes em cada uma dessas posições, uma vez que entre a experiência do vivido e o seu registro houve mudanças no seu status de sujeito. Sofrendo os efeitos da ação do tempo e das condições de existência na nova moradia, o André Luiz que relata a experiência vivida já não é mais o mesmo André Luiz que viveu as experiências relatadas.

Como sujeito enunciator-narrador, André Luiz tem como função discursiva produzir o relato de sua própria experiência de vida, como desencarnado, na cidade espiritual *Nosso Lar*. Responsável pela organização dos relatos, André Luiz fala do lugar de médico, profissão que exerceu em sua última encarnação e do lugar religioso de adepto da doutrina Espírita. Enquanto enunciator-personagem, André Luiz assume posição enunciativa de aprendiz. A sua posição de médico-terreno, embora seja lembrada durante a narrativa, seja por sua própria voz ou pela voz de outros enunciadores, é silenciada, para que possa vir à tona a posição de aprendiz. Desse lugar, ele mais ouve do que fala. Como aprendiz, o enunciator-personagem possibilita que as vozes dos instrutores da colônia, ao serem ouvidas, cumpram dupla função: instruí-lo e, simultaneamente, informar o leitor. Com esse jogo de vozes, os relatos autobiográficos em *Nosso Lar* cumprem o propósito informativo e educativo que um texto psicográfico, desse gênero, se propõe: ensinar a viver por meio da vivência de outrem.

Nosso Lar: o campo associativo

Segundo Foucault (2000, p. 112-113) “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”, ou seja, relaciona-se com as formulações no interior das quais “se inscreve”; pelo “conjunto de formulações a que o enunciado se refere”; pelo conjunto de enunciados ulteriores produzidos a partir de sua emergência como “sua conseqüência, sua seqüência, ou sua réplica” e, por fim, é constituído pelo conjunto das formulações cuja relação pode ser de apagamento, valorização, conservação ou sacralização.

Em meio aos inúmeros textos produzidos pela técnica de produção discursiva psicográfica Espírita, o enunciado *Nosso Lar* se inscreve como um *best-seller* da literatura mediúnica. Figura dentre as principais obras do espiritismo brasileiro porque, doutrinário em suas especificidades, sedimenta e outorga os direitos da filosofia religiosa do espiritismo. Pelas mensagens que divulgam a doutrina, *Nosso Lar* se singulariza como uma discursividade que sustenta as *verdades* da Doutrina.

Nosso Lar é o primeiro texto assinado pelo sujeito-psicografado André Luiz e o sexto, em um universo de 412 textos, psicografados pelo médium Chico Xavier. A partir de sua emergência, uma seqüência de textos foram produzidos. O autor assinou quinze, veiculados no formato de livro, além de inúmeros textos nos gêneros mensagens e cartas íntimas. Nos escritos do autor, o texto *Nosso Lar* funciona como um enunciado “fundador”: é o primeiro de uma coleção denominada “A vida no mundo espiritual”, formada por treze textos. Três fatores regem a produção da unidade dessa dispersão de textos, agrupados sob esse título. Primeiro o fato de tratarem sobre um mesmo objeto:

experiências de vida além túmulo; segundo: ambas estão centradas no relato da vivência de um sujeito em especial, no caso, o autobiografado André Luiz; terceiro: as experiências de vida além túmulo tomam como espaço central a colônia *Nosso Lar*. Todas as experiências relatadas nos textos que se seguem ao enunciado *Nosso Lar* são resultado de projetos de trabalho produzidos nessa colônia. Os enunciadores que vivenciam essas experiências, juntamente com o autobiografado, mantém de algum modo, relações com os moradores dessa colônia: ora é um sujeito-Espírito na posição de trabalhador voluntário, ora um dos familiares ou um conhecido que mantém um certo vínculo com um desses colaboradores. Esse conjunto de texto funciona como uma seqüência. Juntos, eles funcionam como o espaço autobiográfico do autor.

Além desse conjunto de textos, o enunciado *Nosso Lar* suscitou a produção de outros enunciados do gênero, a exemplo, dentre outros, de *Violetas na Janela*. A obra de André Luiz exerce, de um modo geral, uma grande influência no movimento espírita. Informações contidas em seus livros sobre a vida além-túmulo têm inspirado, no Brasil, a criação de grupos de estudos e de inúmeras instituições voltadas à atividade assistencial. Muitas carregam consigo a marca de autoria do autor André Luiz: ora o seu nome, ora o nome de seus textos: *Casas André Luiz*, *Grupo Espírita Nosso Lar*, grupo *Os Mensageiros*, dentre outros seu nome ou os títulos de seus livros: as *Casas André Luiz*, o *Grupo Espírita Nosso Lar*, o grupo *Os Mensageiros*, etc.

Como conseqüência da breve observação sobre o arquivo que rege a rede discursiva no interior da qual o enunciado *Nosso Lar* se inscreve, do conjunto de enunciados ao qual se refere e, ainda, dos

enunciados produzidos ulteriormente a partir de sua emergência, entendemos que os enunciados assinados pelo sujeito-psicografado o coloca na posição daqueles que, por meio da função autor, não se constituem simplesmente em autores de suas obras, de seus livros, mas em produtores de uma indefinida possibilidade de formação de outros discursos: um fundador de discursividades (FOUCAULT, 1992, p.58).

Nosso Lar: a existência material do enunciado

Para Foucault, “o enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer” (FOUCAULT, 2000a, p. 115). O enunciado *Nosso Lar* materializou-se, pois, por meio de elementos lingüísticos, através da técnica de escrita mediúnica psicográfica e é veiculado no suporte textual convencionalmente denominado livro. Foi, posteriormente, materializado em outras formas lingüísticas como o italiano, espanhol, japonês, francês, grego e esperanto, tcheco e o inglês. Atualmente, está na 59ª com 1.648 exemplares vendidos, em língua portuguesa.

Sobre o tempo transcorrido entre a experiência vivida pelo enunciador narrador-personagem e a discursivização verbal escrita desses relatos, pelo enunciador-autor, este não é muito longo. Entre eles há um espaço de mais ou menos cinco anos. A narrativa recobre, desse modo, um curto espaço de tempo. O processo de produção de *Nosso Lar* iniciou-se em 1943 e foi concluído no mesmo ano, conforme data da produção do prefácio, no entanto, só foi publicado em

1944, pela Editora da Federação Espírita Brasileira (FEB).

De conformidade com a noção de autobiografia proposta por Lejeune (1994), *Nosso Lar* é produzido a partir dos princípios fundamentais que fundam tal gênero. Considerando-se, entretanto, os traços singulares que esse gênero adquiriu ao ser utilizado, nesse campo discursivo. Vejamos: a forma da linguagem é a narração em prosa; o tema é a experiência de vida de um indivíduo: o autobiógrafo André Luiz. Por meio de perspectiva retrospectiva, momentos da história de vida desse sujeito espírito são relatados; o autobiógrafo espiritual assume, simultaneamente as posições enunciativas de autor, narrador e personagem protagonista, atualizado, assim, o pacto autobiográfico.

No que diz respeito ao tempo do relato, a narrativa do enunciador autor-narrador-personagem, André Luiz, resgata o momento em que o autobiógrafo foi socorrido pelos trabalhadores da cidade espiritual *Nosso Lar*, após oito anos de sua “morte” (desencarne). Durante esse período viveu numa região denominada de umbral: uma espécie de “zona purgatorial”. Faz, também, alusão à sua experiência de estudo e de trabalho como espírito desencarnado, nessa colônia e, ainda a fatos vivenciados, anteriores ao momento do seu “resgate”. O desvelamento dos acontecimentos por meio da memória discursiva do enunciador autobiógrafo André Luiz, produz um *efeito de verdade* sobre o objeto do relato, uma vez que a *verdade* é enunciada pela própria voz do *eu* que vivencia os fatos.

Sobre a produção da identidade entre as posições de enunciador-autor e enunciador narrador-personagem, o texto *Nosso Lar* constrói o caráter autobiográfico por meio de um entrelaçamento de vozes.

No prefácio, a voz do prefaciador, Emmanuel, confirma a autoria autobiográfica do enunciador André Luiz: “há muito desejamos trazer ao nosso círculo espiritual alguém que possa *transmitir* a outrem o valor da *experiência própria* (...) André Luiz *vem contar* a você leitor amigo (...) *vem lembrar* (...) *guarde* a experiência dele” [grifos nossos]. Na parte intitulada *Mensagem de André Luiz*, a voz do enunciador autor emerge ratificando o contrato autobiográfico: “Nosso esforço pobre quer traduzir apenas uma idéia dessa verdade fundamental (...) Forneceremos, somente, algumas ligeiras notícias”. A essas vozes, juntam-se as dos enunciadores-personagens que emergem na narrativa ratificando a sua posição de autobiógrafo. Marcada pelo jogo discursivo estabelecido por esse coro de vozes enunciativas e, especialmente, pelo apagamento da voz do médium, a identidade entre sujeito-autor e sujeito narrador-personagem se estabelece e o relato adquire uma espécie de efeito de autenticidade.

Considerações

Escrever sobre si depois da “morte”, para muitos, é uma transgressão possível, porém, só em relatos ficcionais, a exemplo do célebre Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. No entanto, o que pode ser considerado ficção para certos campos discursivos, pode ser tomado por outros, como *verdade*. Para o campo discursivo religioso Espírita, como a análise da autobiografia *Nosso Lar* permitiu-nos entrever, escrever depois da “morte, por meio do gênero autobiográfico, dentre outros, é um ato não só possível como, também, extremamente natural.

A autobiografia psicográfica constitui-se em marca identitária da formação discursiva Espírita. A utilização

deste gênero discursivo presta-se aos propósitos de divulgação, sedimentação e naturalização dos princípios da imortalidade do Espírito e do intercâmbio entre este e o outro mundo, através da voz autorizada do Espírito, o sujeito psicografado, e a mediação do médium, o sujeito psicógrafo. A autobiografia, *Nosso Lar* recebe, portanto, nesse campo discursivo, o status de gênero do discurso apropriado para a produção e veiculação dos princípios espíritas, uma vez que permite, por meio da narrativa de si, fazer emergir verdades de como se dá, na ótica do Espiritismo, a continuidade da vida após a morte biológica.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (1895 - 1975). *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4. ed. Editora Vega Passagens, 1992.
- _____. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 2000a.
- _____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000b.
- LEJEUNE. *Le pacte autobiographique*. Nov. Ed. aum. Paris: Seuil, 1994.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns e dos doutrinadores*/Allan Kardec: tradução de J. Herculano Pires. São Paulo – LAKE, 2004a.
- LUÍZ A. (Espírito). *Nosso Lar*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. – 59. ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.
- SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Brasília: Federação Espírita Brasileira. 1985.

STOLL, Sandra Jaqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp. Curitiba: Orion,2004.

Sobre a autora:

Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves: Mestre e Doutora em Letras pela UFPB, Mestre em Ciências das Religiões (PPGCR-UFPB) e pesquisadora integrante do grupo Raízes (CNPq/UFPB). E-mail: iracildacfg@hotmail.com